



## RETRATOS E VOZES: DOS *PROTAGONISMOS NEGROS*<sup>1</sup>

**Resumo:** A historiadora Maria Claudia Cardoso Ferreira narra a sua trajetória acadêmica na graduação na UERJ e a pós-graduação na UERJ e na FGV. Analisa o seu percurso familiar e influências intelectuais e acadêmicas. Analisa as mudanças na historiografia, os contextos históricos do final do século XX, os movimentos sociais e papéis das intelectuais negras.

**Palavras-chaves:** Movimentos sociais, intelectuais negros, história intelectual e Maria Claudia Cardoso Ferreira

### PORTRAITS OF THE LEGACY AND VOICES OF THE PAST

**Abstract:** Maria Claudia Cardoso Ferreira analyzes her academic trajectory at undergraduate at UERJ and postgraduate at UERJ and FGV. She analyzes her family background and intellectual and academic influences. It analyzes the memory of changes in historiography, the historical contexts of the late twentieth century, social movements and the role of black intellectuals.

**Keywords:** Social movements, black intellectuals, intellectual history and Maria Claudia Cardoso Ferreira

### RETRATOS DEL LEGADO Y VOCES DEL PASADO

**Resumen:** Maria Claudia Cardoso Ferreira analiza su trayectoria académica en la licenciatura en la UERJ y en el posgrado en la UERJ y FGV. Analiza sus antecedentes familiares e influencias intelectuales y académicas. Analiza la memoria de los cambios en la historiografía, los contextos históricos de finales del siglo XX, los movimientos sociales y el papel de los intelectuales negros.

**Palabras-claves:** Movimientos sociales, intelectuales negros, historia intelectual y María Claudia Cardoso Ferreira

### PORTRAITS DE L'HÉRITAGE ET VOIX DU PASSÉ

**Résumé:** Maria Claudia Cardoso Ferreira analyse sa trajectoire académique au premier cycle à l'UERJ et au troisième cycle à l'UERJ et au FGV. Elle analyse ses antécédents familiaux et ses influences intellectuelles et académiques. Il analyse la mémoire des changements de l'historiographie, les contextes historiques de la fin du XXe siècle, les mouvements sociaux et le rôle des intellectuels noirs.

---

<sup>1</sup> Entrevista, edição e organização de Stephane Ramos (doutoranda em História pela Universidade de Brasília, E-mail: [stephane.rcosta@gmail.com](mailto:stephane.rcosta@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970> ) e Flávio Gomes (professor da UFRJ e pesquisador do CNPq, Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: [escravo@prolink.com.br](mailto:escravo@prolink.com.br) . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2386-7040> )



**Mots-clés:** Mouvements sociaux, intellectuels noirs, histoire intellectuelle et Maria Claudia Cardoso Ferreira

### **MARIA CLÁUDIA CARDOSO FERREIRA**

Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB, Bahia). Seu Mestrado em História foi concluído em 2005, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2005, com a dissertação “Representações Sociais e Práticas Políticas do Movimento Negro Paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga dos Santos (1928-1937)”. Já o Doutorado em História foi concluído em 2013 na Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ) com a tese “A Formação para as relações étnico-raciais e a profissionalização em História: Saberes e práticas docentes no contexto da Educação a Distância”. Tem produzidos capítulos publicados em importantes coletâneas como “Caminhos da Educação tessituras de olhares e saberes”, (Editora da Universidade Federal do Ceará, 2014); “Currículo e conhecimento: diferentes perspectivas teóricas e abordagens metodológicas” (De Petrus/FAPERJ, 2014); “A Lei nº 10.639/2003: pesquisas e debates” (Editora Livraria da Física, 2014); “Relações Étnico-Raciais e Educação: contextos práticas e pesquisas” (NAU/Edur); “História do negro no Brasil: escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades”, (Premier, 2011), além de artigos nos periódicos *Diálogos*, *História e Diversidade*, *Mosaico (Rio de Janeiro)*, *Revista História Hoje*, entre outros.

### **DE VOLTA PARA O COMEÇO**

**Fale um pouco da sua origem familiar e trajetória até entrar na Universidade. Quais foram as primeiras referências familiares e extrafamiliares? Como foi a formação no primeiro e segundo grau (ensino fundamental e médio)?**

Eu nasci na cidade de São João de Meriti, Baixada Fluminense, no ano de 1972, e vivi a maior parte da infância e juventude na cidade de Nova Iguaçu. Sou a primogênita de uma família com seis filhos (cinco mulheres e um homem), chefiada por migrantes mineiros que não concluíram o primeiro ciclo do ensino fundamental.



Fui alfabetizada por uma jovem professora leiga que mantinha uma “escolinha” na varanda de sua casa e diferentemente de muitos estudantes com minha origem social, cursei quase toda a educação básica como bolsista em escolas particulares. Infelizmente, não tenho boas lembranças do terceiro ano do ensino fundamental, quando precisei estudar na escola pública. Lembro, nitidamente, da distinção que havia entre as crianças que podiam frequentar a escola particular e aquelas para quem a escola pública, de péssima qualidade, era a única opção. A escola pública do meu bairro tinha vários problemas como: violência, mobiliário em péssimas condições, merenda gratuita, mas de baixa qualidade, além da visível desmotivação das professoras. Enquanto isso, a escola particular, subvencionada pelo governo federal, crescia em matrículas e visibilidade.<sup>2</sup>

Um diferencial durante todo esse percurso é que só tive professoras negras nos anos iniciais do ensino fundamental e acredito que isso deve ter tido um impacto positivo na minha subjetividade, especialmente nas representações sobre os lugares sociais das mulheres negras. Outro diferencial é que sempre gostei muito de estudar, lembro-me de ler todos os textos que abriam os capítulos dos livros de língua portuguesa logo no início do ano. Igualmente tenho lembranças prazerosas das leituras e trabalhos indicados pela escola, como os clássicos da literatura brasileira e os livros da Série *Vagalume*, por exemplo. Minha mãe, em particular, sempre zelou pelo nosso estudo. Tenho lembranças dos livros e revistas que conseguia no trabalho, do esforço para comprar nossos uniformes e material escolar, das buscas por vagas nas escolas etc. Em uma família de maioria feminina, essa preocupação em concluirmos, pelo menos, o ensino médio foi importante. Assim, acho que a principal referência inicial foi minha mãe que com esse esforço vislumbrou para nós condições econômicas mais promissoras.

O meu Ensino Médio, antigo Segundo Grau, foi iniciado no curso de Formação de Professores (Curso Normal), no ano de 1987. Confesso que apesar das minhas resistências iniciais, pois não queria ser professora e, muito menos, estudar em uma escola pública, me surpreendi com ótimos docentes. Infelizmente, desenvolvi uma doença que se agravou e tive de deixar a escola, mas, no ano seguinte fui agraciada com uma bolsa de estudos da Arquidiocese de Nova Iguaçu, na época sob a gestão de Dom Adriano Hipólito. Concluí o curso de Técnico em Análises Clínicas em 1990, mas nunca exerci

---

<sup>2</sup> Todos os alunos eram bolsistas. Lembro-me de, pelo menos, duas vezes ao ano a escola receber a visita de pessoas que iam fazer a chamada para saber quem efetivamente frequentava. Éramos orientados para dizer que mesmo os colegas de turma que nunca tínhamos visto eram assíduos e que naquele dia haviam faltado



essa profissão, pois logo comecei a trabalhar como auxiliar de escritório e depois como recepcionista em uma clínica médica, emprego que deixei em 2000 para concluir a graduação.

## DEIXANDO A HISTÓRIA ENTRAR

### Como foi a escolha pela História? O que te motivava e evocava na graduação?

Eu constato, nitidamente, que o interesse pela história e pelo magistério veio gradativamente. Nós sabemos que corremos o risco, quando fazemos uma retrospectiva da vida, de procurar um alinhamento, certa racionalidade nas escolhas, mas tentarei não cair nessa ilusão. O que posso perceber, de início, são alguns elementos que podem ter colaborado tanto na escolha da história, quanto na constituição de minha identidade docente.

Eu estava mais inclinada à área da saúde, mas percebo que já havia algum interesse pela história, que acredito ter relação com a minha atuação no âmbito da Igreja Católica, em Nova Iguaçu, que na época professava um cristianismo engajado nas chamadas *Comunidades Eclesiais de Bases*, orientadas pela Teologia da Libertação. Nesse contexto eu fui catequista, líder de grupo jovem e na década de 1990, passei a militar na *Juventude Operária Católica*. Mas, voltando um pouco para trás, no final dos anos 1980, eu e outros leigos, fomos escolhidos para fazer um curso de *História do Brasil*, oferecido pelo projeto *Universidade Aberta do Brasil*, ocorrido no *Centro de Formação de Líderes da Arquidiocese de Nova Iguaçu*. Um dos professores desse curso foi o historiador Joel Rufino dos Santos que, na época, lecionava na UFRJ. Anos depois, conversando com Marilene Rosa, minha professora e orientadora na graduação, soube que ela também havia colaborado com o projeto.

Contudo, a escolha pela história se deu mesmo durante o cursinho pré-vestibular. Eu fui aluna, entre os anos de 1994 e 1995, do cursinho Pré-Vestibular para Negros e Carentes – PVNC, núcleo Nilópolis (Paróquia de Nossa Senhora Aparecida). O PVNC foi fundado por educadores, ativistas sindicais, leigos e religiosos católicos, na Baixada Fluminense, em 1993. Os núcleos do movimento se expandiram por várias cidades da região metropolitana do Rio de Janeiro no decorrer dos anos 1990 e início dos anos 2000. Os núcleos de PVNC são mantidos pelo trabalho voluntário de professores e



coordenadores, cessão de espaços para as aulas e contribuição de cerca de 5% do salário-mínimo para pagar as despesas com limpeza, energia elétrica e subvenção do transporte dos voluntários. A eclosão de cursinhos pré-vestibulares no período chegou a abalar a indústria dos pré-vestibulares pagos além de desajustar as faculdades-empresas que atraíam a classe trabalhadora para seus cursos de qualidade duvidosa. O Movimento de Pré-Vestibulares Populares, igualmente protagonizou a abertura do debate sobre a democratização do acesso à universidade pública, gratuita e de qualidade (lema do movimento) questionando e propondo novas formas de acesso e políticas de permanência, como as cotas raciais e sociais. No cursinho, eu acabei me interessando pela área de humanas e ainda tinha o diferencial das aulas de Cultura e Cidadania: as palestras sobre os movimentos negros, de mulheres, a questão da terra e da moradia ampliavam nossas análises com problematizações que não tínhamos tido acesso na educação básica.

Ainda assim, o meu primeiro vestibular foi para microbiologia na UFRJ e história na UERJ. Eu não obtive aprovação na UFRJ (tive um desempenho ínfimo em matemática e física) e fui aprovada na UERJ, porém não me classifiquei. No ano seguinte, me inscrevi apenas para o curso de história, sendo aprovada e classificada na UERJ. Eu precisava entrar na universidade, entretanto não podia me dar ao luxo de escolher muito, pois já trabalhava para ajudar no sustento da família desde os 18 anos e já iria completar 24 anos. Cursar uma universidade não estava no horizonte da maioria das pessoas da minha comunidade. As inscrições para as provas eram caras, irreais, e havia todo um investimento emocional, de tempo e disponibilidade muito pesados para mim. Então, neste sentido, considero que fui pragmática ao escolher história: precisava de uma formação na qual eu tivesse alguma afinidade, que fosse tranquilo encontrar trabalho e oferecida no horário noturno.

Eu entrei na UERJ com 24 anos, sem entender nada de universidade e sem muito tempo livre para conhecer aquele novo mundo. Eu trabalhava na Zona Sul do Rio de Janeiro, em um trabalho totalmente diferente da área em que me profissionalizei, saía às 17 horas do expediente e corria para a universidade, onde tinha aulas até às 22h40min. Em 1997, passei a ensinar literatura no cursinho e, anos mais tarde, História do Brasil. Assim, no geral meu envolvimento com o curso, nos primeiros anos, foi muito instrumental: cumpria as responsabilidades acadêmicas com afinco e isso ajudava a potencializar a minha atuação militante como professora no PVNC.



## A MESTRA COM ROSAS E CARINHO: A PROFESSORA MARILENE

**Você estudou na UERJ e com a professora Marilene Rosa Nogueira da Silva. Como foi esta experiência de atuação junto a uma intelectual negra acadêmica?**

Conhecer a professora Marilene Rosa foi fundamental, pois ela foi mais que professora, foi uma mentora. Ela e o professor Silvio Almeida me acompanharam por todo o meu percurso formativo, mesmo quando decidi fazer o doutorado em outra instituição. Marilene, por ser negra e ter uma origem social muito próxima à minha, representava a certeza de que eu estava indo no caminho certo. Além disso, ela era muito carismática, acolhedora, sem deixar de ser exigente. Na universidade eu era muito discreta, às vezes tímida, mas não medi esforços para fazer uma disciplina optativa oferecida pela Marilene no diurno, pois queria muito que ela me orientasse. A formação acadêmica com Marilene foi crucial porque, na época, ela discutia a transição do escravismo para o trabalho livre e problematizava, inclusive, o uso da mão de obra de pessoas negras libertas e livres no século XIX, numa época em que a historiografia dominante afirmava que a mão de obra de imigrantes suplantou o trabalhador negro ou que eles não estavam preparados para o capitalismo. Marilene orientou o meu trabalho de conclusão de curso que tratou da *Frente Negra Brasileira*, organização que eu já havia ouvido falar em um ou outro espaço negro, porém quase desconhecia na universidade. Ela continuaria a me orientar no mestrado, porém, na época, seu problema de saúde se agravou e passei à supervisão do professor Silvio Almeida.

**Sua graduação nos anos 90 e os seguintes foi também um momento de efervescência. Como isso te mobilizava em termos intelectuais? Quais os livros, abordagens, autores?**

Então, eu só passei a viver um pouco mais o ambiente universitário quando me integrei, no ano de 1999, ao Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos (PROAFRO), coordenado pela professora Marilene Rosa Nogueira da Silva e pelo professor Silvio Carvalho de Almeida Filho. No começo, por conta do trabalho, eu dava um plantão de um dia no programa. Essa atenção dos professores em permitir que



estudantes que trabalhavam pudessem fazer o estágio foi um diferencial, pois atuar como bolsista de extensão no PROAFRO contribuiu muito para completar a minha formação.

Eu cuidava do *clipping* de notícias sobre as temáticas negras, da mala direta e tinha a responsabilidade de promover a aproximação do programa com as organizações negras do Estado. Assim, passei a frequentar os eventos das organizações negras e conhecer as lideranças da capital. Nas reuniões da linha de pesquisa, nos grupos de estudos e nos eventos que organizamos conheci muitos acadêmicos e ativistas, como, por exemplo, as professoras Magali Almeida, Conceição Evaristo e Maria José Lopes da Silva. Quero destacar uma lembrança desse período: em 2000, por conta das comemorações dos 500 anos da ocupação europeia nas Américas, aconteceram diversos debates e o PROAFRO organizou o seminário *Brasil 500 anos... E o negro?* Foram vários dias de discussões que culminaram na leitura dramatizada da peça Imperador Jones, em homenagem a Abdias do Nascimento, que esteve presente. Esse evento foi muito marcante na minha formação, por conta das discussões que realizamos e pela oportunidade que tive de participar de sua concepção, organização e execução.

Ainda por conta do meu vínculo no PROAFRO, além de minha militância no PVNC, fui para Brasília, em 2001, participar do *III Curso de Políticas Públicas para a Comunidade Afro-Brasileira*, uma iniciativa de várias organizações do movimento negro em parceria com Estado Brasileiro e a Organização das Nações Unidas. Em Brasília fui aluna de professores universitários ativistas dos movimentos negros, bem como, assisti palestras de militantes históricos como Edson Cardoso, Luíza Bairros e Sueli Carneiro, dentre outros. Outros eventos que participei diretamente foi do processo de preparação do Brasil à *III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, ocorrida em 2001 e dos dois Fóruns Sociais Mundiais (2002 e 2003).

Na UERJ, fomos muito influenciados pela historiografia francesa, especialmente pela *Escola dos Annales*, com sua perspectiva da história-problema, proposição de ampliação e diversificação das fontes e abordagens históricas, além das críticas ao positivismo e ao historicismo. Em termos de leitura e mobilização de interesses, penso que o tema dos movimentos sociais, em geral, e do movimento negro, em particular, sempre me motivaram. Particularmente, meu interesse maior era a história social com destaque à transição para o trabalho livre, os estudos no campo das relações raciais e o debate sobre a cidadania negra na pós-abolição.



## PROTAGONISTAS AUSENTES DE HISTÓRIAS INVISÍVEIS

Seu estudo foi importante ao deslocar as abordagens para as trajetórias de seus principais personagens (comparando José Correia Leite, os irmãos Veiga dos Santos etc.) das suas instituições (*Clarim da Alvorada, Frente Negra* etc.). Você poderia falar um pouco sobre a construção deste objeto e da sua pesquisa? No seu Doutorado na FGV você vai se encontrar com outra tradição de pesquisa que se aproximava das temáticas históricas sobre mobilização negra com o pessoal do CPDOC, como foi isso? Como foi a sua entrada na pós-graduação e escolha de temas para estudo?

Eu entrei no mestrado em 2003, mas já atuava como professora da educação básica e como pesquisadora associada ao *Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais — LEDDES*, criado em 2001, coordenado por Marilene e Silvio. Penso que o vínculo com o *LEDDES* foi crucial para que eu continuasse a estudar, pois era muito comum só concluirmos a graduação, especialmente as professoras, por razões que conhecemos. Bem como, o fato de na UERJ, ter se iniciado o debate do emprego das cotas e, o Movimento PVNC, ser um dos sujeitos políticos dessa demanda. Tenho a lembrança também de Amauri Mendes Pereira e Joselina da Silva – militantes históricos do movimento negro – cursando o doutorado na pós-graduação em ciências sociais e eles certamente foram exemplos a serem seguidos por mim e outros jovens pesquisadores.

No mestrado continuei a pesquisa do TCC, pois, apesar de fazer uma monografia que gostei muito, construí um trabalho com uma narrativa muito tradicional sobre a *Frente Negra Brasileira*. Eu não tive tempo, pois já havia passado no concurso para professora do município do RJ e estava prestes a ser contratada. Então, de algum modo, várias pontas ficaram soltas se unindo somente no mestrado.

No mestrado eu articulei os campos da política e da cultura, compreendendo os intelectuais-militantes que atuavam nas organizações negras dos anos 1930, a partir das acepções de Jean-François Sirinelli e Antonio Gramsci. Privilegiei as trajetórias de José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos e construí uma narrativa que buscou colocá-los em polos antagônicos: o primeiro mais progressista e o segundo mais conservador. Busquei evidenciar seus lugares de *sujeitos históricos*, a partir do conceito de





representações sociais, por meio da análise de escritos, práticas políticas e memórias do período.

Eu passei para o doutorado (fui aprovada na UFRJ, UERJ e FGV) com um projeto de pesquisa que intencionava olhar para o lado “B” do movimento negro, já que meu objetivo era estudar sua face mais conservadora, mais à direita, por meio da trajetória política de Arlindo Veiga dos Santos que, como sabemos, era católico, ultraconservador e monarquista. No mesmo ano que eu defendi o mestrado, o professor Petrônio Domingues havia defendido sua tese de doutorado sobre a *Frente Negra Brasileira* em que ele ratifica o caráter conservador e reacionário da organização sob a direção dos irmãos Veiga dos Santos. Eu optei por cursar no CPDOC porque, na época, a professora Verena Alberti coordenava uma pesquisa grande sobre a história do movimento negro no Brasil, com destaque às suas lideranças, inclusive compreendendo-as como intelectuais. Entretanto, por questões pessoais (tive o meu segundo filho) e profissionais (aumento das horas de aulas de trabalho como professora da educação básica), ficou quase impossível dar cabo de uma pesquisa que demandava fontes que estavam quase todas em São Paulo. Assim, mesmo contrariada e com muita pena, mudei meu planejamento e escrevi uma tese que problematizou o lugar dos saberes docentes na formação inicial de professores de história para cumprir efetivamente as diretrizes que instituíram a Lei 10.639/2003.

Percebo que novamente o pragmatismo bateu mais forte e, sob a orientação assertiva da professora Verena Alberti, pude concluir o doutorado em 2013. Sempre abordo, para os/as estudantes, que mudei de tema no meio do doutorado, bem como, de que tive um filho no último ano do mestrado e o outro no primeiro ano do doutorado. Tento não fazer uma narrativa heroica e sim de que, às vezes, precisamos ser pragmáticos, que a nossa vida não se resume ao mundo acadêmico e que é possível passar pela pós-graduação sem adoecer. Igualmente, destaco, aos meus estudantes, especialmente às mulheres mães e trabalhadoras, que esse percurso todo só foi concluído por conta de uma sólida rede de apoio formada pela minha família e meus amigos, muitos deles conquistados no percurso ativista e acadêmico. Gosto também de salientar que, no geral, a pós-graduação não foi um ambiente hostil para mim, pois tanto no mestrado como no doutorado fui muito bem orientada e acolhida pelos professores.

### **DOCÊNCIA, PRÁXIS E INTELLECTUALIDADES**



**Há uma importante geração de historiadoras negras – intelectuais importantíssimas – no cenário acadêmico brasileiro atualmente. Como você avalia o contexto atual e a inserção de uma historiografia potente sendo produzida por intelectuais negras e negros? Quais os desafios, armadilhas, dilemas e questões centrais? Como você avalia o seu papel acadêmico e intelectual – numa universidade pública – na formação de professores e pesquisadores?**

Essa geração foi gestada a partir dos anos 2000, se considerarmos suas formações no mestrado e doutorado. Eu faço parte dessa geração acadêmica, apesar de, como já disse, ser um pouco mais velha. Essa geração tem alguns diferenciais. Um deles é que ela pôde encontrar mais pessoas negras na universidade, já que houve um aumento das vagas na pós-graduação e um significativo fomento à pesquisa com as bolsas, pelo menos nos grandes centros. Eu, por exemplo, estudei com Clícea Miranda, na UERJ, sendo que, no mesmo período, olhando só para o Rio de Janeiro, Giovana Xavier estava na UFF, Rogério José de Souza, na UFRJ e Amílcar Pereira, no mestrado em Ciências Sociais, também na UERJ. Eu estava inserida em um grupo maior, composto por pós-graduandos de outras áreas – brancos e negros –, como por exemplo, Marcio André dos Santos (meu companheiro) das Ciências Sociais, Cláudia Miranda, da Educação, Jocelene Ignácio, do Serviço Social, Fernanda Felisberto e Fabiana Lima de Letras, Augusto Lima, da Educação, Andreia Prestes, da história, dos que me vem à lembrança. Alguns de nós, negros, estávamos nos coletivos locais como o CONEI (*Coletivo Negro do IFCS*) e nacionais (como a ABPN, surgida em 2000) e isso igualmente colaborou para que não nos sentíssemos isolados e, inclusive, para que questionássemos e renovássemos as análises acadêmicas. Essa geração de historiadores e historiadoras questionou uma historiografia que fixava pessoas negras somente no lugar de escravizadas ou como incapazes de acompanhar o processo da modernização, além de ter se interessado pelos protagonismos e pelas trajetórias de vida, aprofundando, inclusive, as análises sobre *agência escrava*, inauguradas pelos estudos de Flávio Gomes, João José Reis, dentre outros. Um destaque para essa geração é o incremento do campo de estudos das emancipações e da pós-abolição

Outro diferencial é que essa geração também é resultado das transformações estruturais ocorridas em decorrência da ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder, com apoio dos movimentos sociais – com destaque para o movimento negro – a partir de



2003. Ela soube aproveitar a janela de oportunidades surgidas com a expansão das universidades públicas, seja pelo *REUNI*, seja pela abertura de novas instituições como é o caso da *UNILAB*. Por fim, acho que se trata de uma geração que articulou a carreira universitária e a militância negra, sem criar hierarquias, foram formados pelos dois espaços. Vale destacar, que muitos deles e delas, inclusive, não se “tornaram negros” na universidade, pelo contrário, levaram as demandas da militância para dentro universidade e, particularmente, este é o meu caso.

Nós, no magistério superior público, prestamos concurso para atuar como gestores, professores e pesquisadores, mas, entretanto, muitos de nós não tivemos, no decorrer da nossa formação acadêmica, a oportunidade de exercitar os lugares de ensino e gestão, principalmente. Eu acredito que esse também seja um desafio, principalmente para os professores e pesquisadores negros mais jovens, com destaque às professoras negras por conta das representações sociais que pesam sobre elas.

No que se refere aos dilemas e desafios que temos pela frente, percebo que professores e professoras que estão em universidades novas ou em *campis* mais periféricos, se comparados com as universidades já consolidadas, enfrentam alguns desafios e dilemas. Precisamos nos atentar para não reproduzir as mesmas práticas políticas e sociais acadêmicas que questionávamos quando éramos estudantes, ou seja, o desafio é não ser modificado pelo *modus operandi* das universidades “brancas”, “coloniais” brasileiras que como um microcosmo da nossa sociedade reproduz práticas de clientelismo, patrimonialismo, paternalismo, relações patriarcais, individualismos, racismo dentre outras. No caso específico da *UNILAB*, a despeito de seu projeto revolucionário reivindicado e gestado por muitos de nós, nossos desafios são a efetiva internacionalização e implementação de um currículo alinhado à sua missão, objetivos e epistemologias orientadoras, num contexto de retrocesso que potencializa a burocracia, reduz investimentos econômicos, fragiliza os recursos humanos etc. Alguns desafios que enfrento atualmente em uma universidade pública federal não são muito diferentes daqueles com os quais me deparei na escola pública municipal. Talvez, por isso, eu encaro essas problemáticas como constituintes do meu fazer profissional, apesar de vislumbrar melhores condições de trabalho.

Por outro lado, a despeito do cenário apresentado acima, entendo como potente e transformador o trabalho que desenvolvo na formação de professores e pesquisadores em uma universidade pública, internacional e com a missão que objetiva alcançar. Eu atuei



como sociedade civil organizada para que houvesse a *UNILAB* e estar nesse lugar é a coroação de uma trajetória que espelha positivamente para muitas pessoas, ainda que esse lugar me coloque com certa responsabilidade de representatividade, às vezes meio complexa e desafiadora. O legal da *UNILAB* é que por ser uma instituição nova, em todos os sentidos, temos muita liberdade para criar. O que não acontece nas universidades mais velhas que têm muitas disputas entre as áreas, brigas para incluir ou tirar disciplinas porque sabemos que isso tudo envolve recursos para as pesquisas, mercado editorial, maior prestígio ou não dos professores etc.

Como pesquisadora e intelectual tenho problematizado o tema da formação docente e, em particular, algumas características da formação do/a professor/a de história. No doutorado olhei para a formação inicial de professores/as leigos que lecionavam história aqui no Nordeste, a partir dos conteúdos preconizados pela Lei 10.639/2003 (história da África, dos afro-brasileiros e educação das relações étnico-raciais) e continuei com esses interesses, porém potencializando algumas problemáticas: a dicotomia entre a formação de professores ou formação de historiadores; a ideia de que professores são simplificadores do conhecimento histórico acadêmico feito por historiadores, como se professores da educação básica não pudessem ser pesquisadores da própria prática e da história ensinada; as características sensíveis, emotivas e às vezes controversas que alguns conteúdos históricos têm e se estamos nos preparando (ou não) para lidar e ensinar sobre esses temas, especialmente quando abordam as questões das identidades étnico-raciais.

Enfim, acho que a minha principal preocupação atualmente como professora formadora de professores é que meu trabalho ajude a formar identidades profissionais comprometidas com a sociedade na qual esses profissionais irão atuar e, ao mesmo tempo, que lhes permitam compreender os sentidos sócio-político da profissão de professor/a de história. E isso eu acredito que implica eles compreenderem tanto as epistemologias da história como os saberes do ensino-aprendizagem que mobilizamos na educação básica.

### **Fale um pouco dos seus projetos acadêmicos e intelectuais atuais.**

Acho que já respondi parte dessa pergunta no tópico anterior ao tratar do tema da formação dos/as professores de história, pois tenho me interessado, mais detalhadamente, em compreender como nós, professores-formadores de professores, e licenciandos e licenciandas em história, mobilizamos saberes para abordar alguns conteúdos



recomendados na Lei 10.639/2003 que podem ser vistos como temas sensíveis ou controversos. Além disso, comecei a investigar as características da aprendizagem histórica e os padrões de consciência histórica que circulam entre professores em formação inicial e continuada na UNILAB. No âmbito da história da África contemporânea, estou desenvolvendo uma pesquisa bem inicial sobre trajetórias de mulheres dos *Palop* na política.

*Recebido em: 01/02/2021*

*Aprovado em: 15/02/2021*